

**EXCELENTÍSSIMO (A) SENHOR (A) DOUTOR (A) JUIZ (A) DE
DIREITO DA 1ª VARA DA FAZENDA DA COMARCA DE CRICIÚMA
- ESTADO DE SANTA CATARINA**

CRICIÚMA CONSTRUÇÕES LTDA., pessoa jurídica de direito privado, estabelecida na cidade de Criciúma-SC, à Rodovia Luiz Rosso, nº 1090, Bairro Fábio Silva, CEP 88.803-470, inscrita no CNPJ/MF sob o nº. 83.812.404/0001-07 e na Junta Comercial do Estado de Santa Catarina sob o NIRE nº 42200405947, e com filial localizada na cidade de Florianópolis-SC, à Rua Emílio Blum, nº 131, Centro, CEP 88.020-010, inscrita no CNPJ/MF sob o nº. 83.812.404/0003-07, representada neste ato pelo Sr. **ROGÉRIO CIZESKI**, brasileiro, casado, comerciante, residente e domiciliado em Criciúma-SC, à Rua Augusto dos Anjos, nº. 250, Bairro Pio Corrêa, CEP 88.811-560, portador de CPF nº. 482.126.879-53 e Cédula de Identidade nº. 1.522.334 - SSP/SC., legítimo representante da empresa Impetrante, por seus advogados e procuradores infra-firmados, vem, respeitosamente, à elevada presença de V. Exa., com espedeque na Lei nº. 11.101/2005 (Nova Lei de Falência e Recuperação Judicial de Empresas), requerer digne-se conceder-lhe os benefícios de uma **RECUPERAÇÃO JUDICIAL** com o objetivo de viabilizar a superação de sua passageira crise econômico-financeira, pelos motivos e fatos que a seguir passa a expor:

PRELIMINARMENTE

DO INSTITUTO DA RECUPERAÇÃO JUDICIAL

A Recuperação Judicial é um instituto em benefício do devedor, empresário ou sociedade empresária, que se encontra em crise econômico-financeira reversível, com o intuito de evitar as nefastas conseqüências da falência.

Seu objetivo, portanto, conforme disposto no artigo 47 da Lei 11.101/2005, é *“viabilizar a superação da situação de crise econômico-financeira do devedor, a fim de permitir a manutenção da fonte produtora, do emprego dos trabalhadores e dos interesses dos credores, promovendo, assim, a preservação da empresa, sua função social e o estímulo à atividade econômica.”*

Diferentemente do revogado instituto da concordata comercial, a recuperação judicial de empresas exhibe clara índole contratual, de feição novativa, ao contrário daquele, cuja natureza tendia mais para um favor legal.

Embora sujeita sempre à avaliação judicial, na recuperação judicial prevalece à autonomia privada da vontade das partes interessadas, que elaboram o conteúdo de um plano de reestruturação, aproveitamento e composição de haveres, para alcançar a finalidade recuperatória, estabelecendo-se uma relação processual onde a manifestação da maioria obriga a todos.

Para que o pedido de recuperação judicial possa ser devidamente processado, de modo a assegurar o êxito de um plano de recuperação a ser submetido à aprovação de seus credores, é necessário o atendimento de determinadas imposições de ordem formal e material previstas na legislação aplicável, as quais, no caso da Impetrante, como se evidenciará, encontram-se plenamente satisfeitas.

É relevante sublinhar, nessa introdução, que a Impetrante está atravessando um momento de grave crise econômico-financeira a comprometer suas capacidades imediatas de honrar os compromissos financeiros, situação, a propósito, que pode ser classificada como transitória, considerando-se a viabilidade de total recuperação da empresa, fato que reverterá em benefício de seus credores, dos trabalhadores, dos investidores, do Estado e de toda a sociedade.

Importante frisar, portanto, que os conflitos patrimoniais que possam existir entre credores e devedores não se reduzem aos interesses destes, pois o destino da empresa, detentora de inquestionável função social, atinge inúmeros outros interesses que gravitam em torno da atividade geradora de empregos, e que atende aos interesses dos consumidores e do bem comum. Tudo isto deve ser considerado nas decisões a serem tomadas pelos credores, pelos órgãos da recuperação judicial e pelo Poder Judiciário.

Neste sentido o escólio de Jorge Lobo:

“Para alcançar esse múltiplo escopo e para atender aos interesses das partes envolvidas e harmonizar os direitos de cada um equanimemente, ao invés do confronto entre o devedor e seus credores, impõe-se a cooperação; ao invés do litígio, a conciliação; ao invés da apologia dos direitos pessoais, a luta para a realização dos fins comuns; ao invés da busca egoística e intransigente dos interesses individuais, a busca de soluções solidárias e eqüitativas, que causem o menor sacrifício a todos, dentro da perspectiva de que se deve priorizar a composição dos interesses conflitantes, raramente convergentes se não houver, de parte a parte, a compreensão e a sensibilidade do que é absolutamente indispensável: salvar a empresa em crise, que demonstre ser econômica e financeiramente viável, com a finalidade precípua de mantê-la empregadora de mão-de-obra, produtora e distribuidora de bens e serviços, criadora de riquezas e de prosperidade, geradora de impostos e, por igual, ao mesmo tempo, respeitar os direitos e interesses dos credores.” (Comentários à lei de recuperação de empresas e falência. Coordenadores Paulo F. C. Salles de Toledo, Carlos Henrique Abrão. 2ª ed., rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2007, p. 127)

No caso em tela, em que pese à crise econômico-financeira que assola a Impetrante, que compromete sua capacidade imediata de honrar seus compromissos financeiros nos respectivos vencimentos, a viabilidade da atividade por ela explorada demonstra que são momentâneas as dificuldades pelas quais atravessam, não restando dúvidas, que, ao abrigo da lei, a mesma encontrará seu total ressurgimento e, conseqüentemente, acabará por beneficiar todos os seus credores, empregados e à coletividade como um todo.

DA COMPETÊNCIA DO JUÍZO

O art. 3º, da Lei n. 11.101/2005, preservou a tradição legislativa brasileira ao manter o entendimento segundo o qual é competente para deferir o

processamento da recuperação judicial o juízo do local do principal estabelecimento do devedor.

A empresa Impetrante, embora possua obras espalhadas por diversas cidades e estados brasileiros, mantém seu principal estabelecimento nesta cidade de Criciúma-SC., tanto do ponto de vista organizacional, onde concentra o poder decisório e diretivo de suas atividades sociais, como do ponto de vista produtivo, levando-se em conta o número de obras construídas e a construir neste município, restando atendida, portanto, a determinação imposta pelo indigitado artigo de lei sobre a competência do juízo para deferimento da recuperação judicial.

DOS REQUISITOS SUBSTANCIAIS PARA O DEFERIMENTO DO PEDIDO DE PROCESSAMENTO DA RECUPERAÇÃO JUDICIAL

A Impetrante, Criciúma Construções Ltda., é uma empresa que se encontra no exercício regular de suas atividades desde o ano de 1979, há, portanto, tempo superior ao exigido pelo *caput* do artigo 48 da Lei de Recuperação de Empresas e Falência, conforme comprova a sua última alteração contratual consolidada.

Além disso, jamais teve a sua falência decretada ou seus sócios declarados falidos ou obteve concessão de recuperação judicial, bem como nunca foram condenados, **tanto a Impetrante como seus sócios**, por qualquer dos crimes previstos na legislação incidente, como se comprova pelas certidões em anexo.

Logo, restam satisfeitos os requisitos substanciais exigidos pelo artigo 48 da Lei 11.101/05, em seu *caput* e incisos.

DOS REQUISITOS FORMAIS PARA O DEFERIMENTO DO PEDIDO DE PROCESSAMENTO DA RECUPERAÇÃO JUDICIAL

Dispõe os artigos 51 e 53 da Lei n.º 11.101/05, sobre os requisitos formais para o deferimento do pedido de processamento da recuperação judicial:

Art. 51. A petição inicial de recuperação judicial será instruída com:

I - a exposição das causas concretas da situação patrimonial do devedor e das razões da crise econômico-financeira;

II - as demonstrações contábeis relativas aos 3 (três) últimos exercícios sociais e as levantadas especialmente para instruir o pedido, confeccionadas com estrita observância da legislação societária aplicável e compostas obrigatoriamente de:

a) balanço patrimonial;

b) demonstração de resultados acumulados;

c) demonstração do resultado desde o último exercício social;

d) relatório gerencial de fluxo de caixa e de sua projeção;

III - a relação nominal completa dos credores, inclusive aqueles por obrigação de fazer ou de dar, com a indicação do endereço de cada um, a natureza, a classificação e o valor atualizado do crédito, discriminando sua origem, o regime dos respectivos vencimentos e a indicação dos registros contábeis de cada transação pendente;

IV - a relação integral dos empregados, em que constem as respectivas funções, salários, indenizações e outras parcelas a que têm direito, com o correspondente mês de competência, e a discriminação dos valores pendentes de pagamento;

V - certidão de regularidade do devedor no Registro Público de Empresas, o ato constitutivo atualizado e as atas de nomeação dos atuais administradores;

VI - a relação dos bens particulares dos sócios controladores e dos administradores do devedor;

VII - os extratos atualizados das contas bancárias do devedor e de suas eventuais aplicações financeiras de qualquer modalidade, inclusive em fundos de investimento ou em bolsas de valores, emitidos pelas respectivas instituições financeiras;

VIII - certidões dos cartórios de protestos situados na comarca do domicílio ou sede do devedor e naquelas onde possui filial;

IX - a relação, subscrita pelo devedor, de todas as ações judiciais em que este figure como parte, inclusive as de natureza trabalhista, com a estimativa dos respectivos valores demandados.

§ 1º Os documentos de escrituração contábil e demais relatórios auxiliares, na forma e no suporte previstos em lei, permanecerão à disposição do juízo, do administrador judicial e, mediante autorização judicial, de qualquer interessado.

§ 2º Com relação à exigência prevista no inciso II do caput deste artigo, as microempresas e empresas de pequeno porte poderão apresentar livros e escrituração contábil simplificados nos termos da legislação específica.

§ 3º O juiz poderá determinar o depósito em cartório dos documentos a que se referem os §§ 1o e 2o deste artigo ou de cópia destes.

Art. 53. O plano de recuperação será apresentado pelo devedor em juízo no prazo improrrogável de 60 (sessenta) dias da publicação da decisão que deferir o processamento da

recuperação judicial, sob pena de convolação em falência, e deverá conter:

I - discriminação pormenorizada dos meios de recuperação a ser empregados, conforme o art. 50 desta Lei, e seu resumo;

II - demonstração de sua viabilidade econômica; e

III - laudo econômico-financeiro e de avaliação dos bens e ativos do devedor, subscrito por profissional legalmente habilitado ou empresa especializada.

Parágrafo único. O juiz ordenará a publicação de edital contendo aviso aos credores sobre o recebimento do plano de recuperação e fixando o prazo para a manifestação de eventuais objeções, observado o art. 55 desta Lei.

Segundo JOSÉ DA SILVA PACHECO, é possível apontar 3 (três) fases no processo de recuperação judicial: (A) a postulatória, onde a parte expõe, em petição escrita, dirigida ao juízo competente, as causas concretas da situação patrimonial e as razões da crise econômico-financeira; (B) a instrutória e decisória, que vai até quando o juiz verificar que foram cumpridas as exigências da Lei e, desse modo, conceder a recuperação judicial do devedor, cuja decisão constitui título executivo judicial, permanecendo o devedor em estado de recuperação até que se cumpram todas as obrigações previstas no plano, que se vencerem até dois anos depois da sentença concessiva da recuperação; (C) a fase final de execução do plano de recuperação judicial.

Ainda, aduz o mencionado doutrinador que, no prazo improrrogável de 60 (sessenta) dias a partir da publicação da decisão que deferir o processamento da recuperação judicial, tem o devedor que apresentar ao juiz o plano completo de recuperação, com todos os elementos exigidos pelo art. 53 da Lei n.º 11.101/05. (PACHECO, José da Silva. *Processo de Recuperação Judicial, Extrajudicial e Falência*: em conformidade com a Lei n.º 11.101/2005 e a alteração da Lei n.º 11.127/05. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense. 2009. p. 182).

No caso concreto, é possível verificar, pela leitura da documentação em anexo, que se encontram atendidos os requisitos previstos no art. 51, da Lei n.º 11.101/05.

Desta forma, destacamos e repetimos que a Impetrante não se encontra impedida de obter os benefícios de uma Recuperação Judicial, tendo em vista que:

- a) Preenche as condições e requisitos estabelecidos no artigo 48 da Lei 11.101/05;
- b) Os seus sócios e diretores jamais foram falidos por decisão judicial transitada em julgado e nem foram condenados pela prática de crime falimentar ou por qualquer dos delitos expostos na Lei de Recuperação e Falências;
- c) A empresa, Criciúma Construções Ltda., foi constituída em 16 de Novembro de 1979, com o ato constitutivo devidamente arquivado na Junta Comercial do Estado de Santa Catarina, assim como as alterações posteriores;
- d) Nunca impetrou Recuperação Judicial no passado;
- e) Tem como objeto social a exploração de atividade econômica no ramo de construção civil, incorporação imobiliária e compra e venda de imóveis.

DO HISTÓRICO DA EMPRESA IMPETRANTE

A Criciúma Construções iniciou suas atividades no setor imobiliário por meio da CTE - Construtora Técnica e Engenharia Ltda, fundada em 16 de Novembro de 1979 pelos sócios Celito Luiz Cizeski e sua esposa Romilda Moraes de Matos Cizeski, além de José Nunes Teixeira e Aracy Gomes Teixeira, com objeto social da construção civil, incorporação de imóveis, compra e revenda de lotes e demais atividades regulamentadas pelo Contrato Social.

Na primeira Alteração Contratual, registrada em 11 de Dezembro de 1989, foram retirados da Sociedade o Senhor José Nunes Teixeira e as Senhoras Aracy Gomes Teixeira e Romilda Moraes de Matos Cizeski e admitido o novo sócio Sr. Rogerio Cizeski, que, na época, exercia suas atividades profissionais como corretor de imóveis e passou a figurar como gerente da sociedade.

Em 10 de Outubro de 1990, foi registrada a segunda Alteração Contratual, ocasião em que o sócio Celito Luiz Cizeski foi substituído pelo Sr. Jaime Dal Farra, assumindo este juntamente com o Sr. Rogerio Cizeski os ativos e passivos da sociedade, bem como integralizando um novo aporte de capital, além de alterar a denominação social para CTE CONSTRUTORA TÉCNICA E EMPREEDIMETOS LTDA., começando uma sociedade que contribuiu de forma considerável com o mercado imobiliário, construção civil e com a economia da região, pois a nova

Sociedade, gerou outras atividades econômicas e comerciais como por exemplo a Industrial Resicolor, empresa fundada pelos sócios no Município de Siderópolis, atualmente no controle total do Sr. Jaime Dal Farra.

Os negócios estavam evoluindo e em 29 de Julho de 1992 a Sociedade passou a se denominar em Criciúma Imóveis e Construções Ltda., permanecendo os Srs. Rogério Cizeski e Jaime Dal Farra na sociedade, sendo que a partir da quarta alteração contratual, passou a ser denominada exclusivamente de Criciúma Construções Ltda.

Posteriormente, por acordo entre as partes, o sócio Jaime Dal Farra deixou a sociedade (oitava alteração contratual), permanecendo no controle da empresa o Sr. Rogerio Cizeski, ingressando no contrato social a Sra. Keli Cristina de Souza com 0,47% do Capital Social.

A partir de 1995 a Sociedade Criciúma Construções Ltda. entrou definitivamente na atividade de Construção Civil, e mesmo enfrentando as dificuldades em função da escassez de Credito Habitacional no País por falta de uma política concreta de financiamentos e principalmente pela instabilidade econômica nacional, entregaram entre 1996 e 1999, 05 (cinco) empreendimentos, totalizando 48 unidades e 7.291m² de área construída.

Na virada da década, no ano 2000, a Empresa passou a desenvolver empreendimentos de médio porte e optou por ingressar no mercado da Região de Florianópolis, com o Residencial Ilha do Caribe e no município de Içara sendo o primeiro empreendimento multifamiliar de médio e grande porte entregue na Cidade, o Residencial Berlage.

Na mesma década entre 2000 e 2010, impulsionados pelo crescimento econômico nacional e principalmente alavancado pela oferta da crédito imobiliário nos últimos cinco anos da década, a Criciúma Construções Ltda., teve um desempenho fantástico, figurando, inclusive, entre as 60 maiores empresas do País no seguimento.

Apesar da Crise econômica Mundial de 2008 (que culminou com o desaparecimento de várias instituições financeiras) e da famigerada Bolha Imobiliária

Norte Americana, a empresa conseguiu manter-se como principal referência no Estado de Santa Catarina.

O período também foi marcado pela expansão da atividade empresarial para as praças de Araranguá, Balneário Camboriú, Laguna, Siderópolis, Cocal do Sul, Jaraguá do Sul, São Joaquim e no Estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Torres.

Importante destacar, de igual forma, os investimentos da Criciúma Construções na divisão de Loteamentos, a implantação do Hotel Cecomtur no ano de 2004 e a Construção da Planta Industrial Cizeski em 2009.

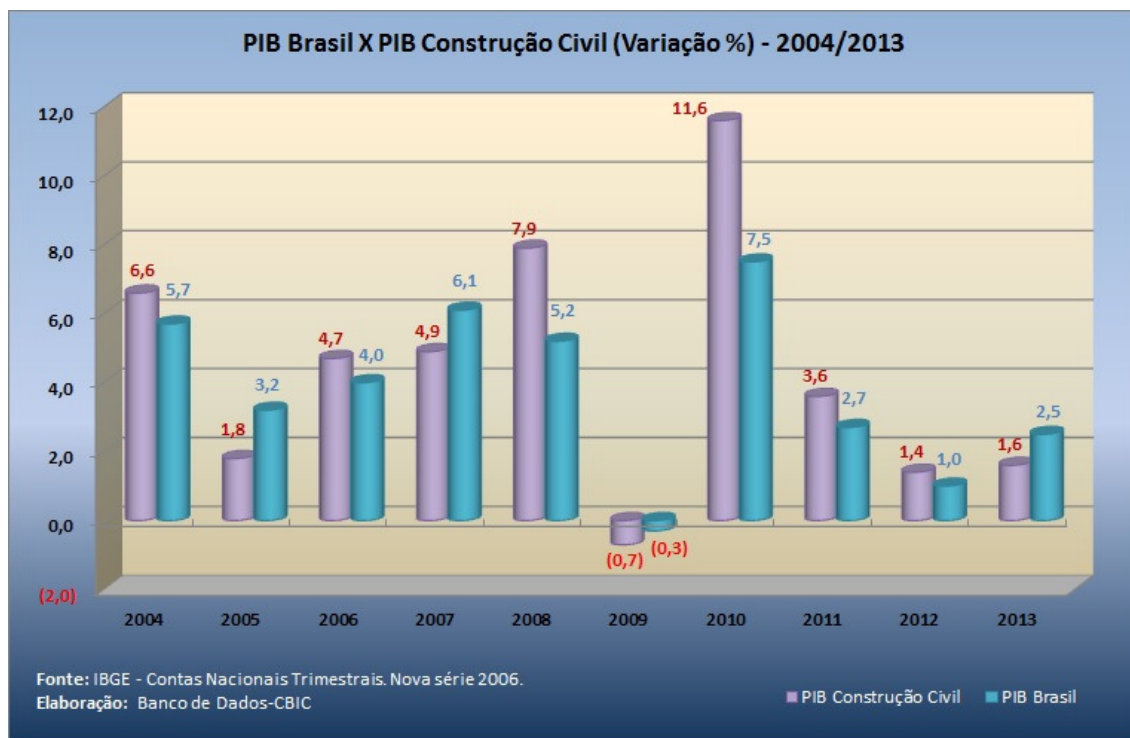
Na mesma década, entre o ano de 2000 e 2010, a Criciúma Construções, foi responsável pela entrega de 75 Empreendimentos, sendo 64 residenciais multifamiliares e 11 loteamentos, totalizando 3.154 unidades em 305.009,57m² de área construída e 101 Hectares Implantados, gerando uma média de 315 unidades construída e entregues por ano.

Todavia, o excelente desempenho na entrega de imóveis não estava sendo mais refletivo nas vendas novas, principalmente nos últimos cinco exercícios da década em razão de inúmeros fatores que contribuíram com o desaquecimento do Mercado. Dentre os quais:

- a) Crise Econômica Mundial;
- b) Bolha Imobiliária nos Estados Unidos e Europa;
- c) Morosidade das autarquias públicas e demais instituições, principalmente ambientais para Aprovação e liberação de projetos;
- d) Mudanças do controle dos registros de imóveis no Estado de Santa Catarina;
- e) Alteração de Planos Diretores. Muitos ainda em fase de elaboração.

O momento delicado que afetou o mercado nacional, também começou a impactar nos lançamentos da Criciúma Construções.

No gráfico abaixo (IBGE), é possível encontrar um desaquecimento do PIB e da Construção Civil no final ao final da Década.



No entanto, apesar da crise vivenciada, a empresa ainda obteve um desempenho superior aos índices nacionais entre 2006 e 2010.

- a) Criciúma Construções.....90,71%
- b) PIB Construção Civil.....25,10%
- c) PIB Nacional.....19,10%

Com o desempenho acima do mercado, a Criciúma Construções garantia na época a manutenção do posto de maior Construtora do Estado de Santa Catarina, e em 2009 assumiu como principal operador da região Sul, ficando, desta forma, dentre as sessenta maiores do Brasil e figurando entre as quinze maiores do setor da construção civil em capital fechado.

INÍCIO DA CRISE

A partir de 2011, foram sentidos de forma significativa alguns fatores, tais como a crise econômica interna e externa, as quais além de arrefecer o mercado, imprimiu um fluxo reversivo de vendas e por via de consequência de caixa.

O Mercado Imobiliário e Construção Civil investiu de forma substancial em glebas, Land Bank, Equipamentos, Maquinários e veículos leves e Pesados e a Criciúma Construções também seguiu a tendência, utilizando capital

próprio e financiamento bancário, porém os resultados foram insuficientes, gerando uma redução em vendas na ordem de 66,45% entre 2010 a 2014.

Entre o período de 2011 a 2014, com muito esforço, a Criciúma Construções proporcionou a entrega de 30 empreendimentos, totalizando 1.568 unidades, ou seja, uma média 522 imóveis novos prontos por ano, em 158.747,52 m² de área construída e 77 hectares implantados.

OBSERVAÇÕES COMPARATIVAS

01) A média de unidades anual entregues no período de 2011 a 2014, em relação ao período de 2000 a 2010 cresceu em 65%, saltando de 315 imóveis novos entregues por ano para 522 imóveis entregues por ano.

02) Em relação aos mesmos períodos, a média de metros quadrados entregues cresceu 73,48%, passando de 30.500,90 m² para 52.915,66 m² ao ano.

Em determinados meses entre 2011 e 2012, a produção mensal chegou à média de 12.000,00m² mensais, que em valor presente e atualizado contabilizariam uma média de desembolso na ordem de R\$ 17.000.000,00 (dezesete milhões de reais) ao mês.

03) Com referência a implantação de Loteamentos e Condomínios Horizontais, houve um salto na média anual de 10 hectares para 25 hectares, ou seja, crescimento de 150%.

FATORES DE RISCO

Atividade produtiva cresceu de forma significativa entre 2011 a 2014, onde para cumprir com os compromissos a empresa financiou em torno de R\$ 10.000.000,00 (dez milhões de reais) mensais, entre máquinas e equipamentos, veículos leves e pesados, utilizando a linhas de Finame, Leasing e CDC.

Além de equipamentos, a atividade produtiva necessitava de mão de obra qualificada, situação essa que se tornou um dos piores gargalos do setor, pois além da escassez de profissionais, o nível de reajuste salarial em determinadas categorias superaram a inflação, resultando em um incremento muito superior ao CUB e nesse caso, comprometendo a rentabilidade e fluxo de caixa.

Mesmo remunerando de forma diferenciada, o número de profissionais foi insuficiente para atender os cronogramas de obras, resultando pela pressão de tempo em nossos compromissos à contratação de efetivo quase sempre desqualificado, gerando quebra de produção e *turnover* acima do suportável, que resultou em mais desencaixes desnecessários.

Somente em 2013, os custos da rotatividade superaram os R\$ 4.000.000,00 (quatro milhões de reais).

O período também contou com a falta de materiais no mercado regional, como o cimento, vidro e quando da normalização do seu fornecimento, os valores praticados pelos fornecedores sempre estavam muito acima da variação do CUB, bem como os prazos de pagamentos praticados, cujos quais ajudavam a corroer ainda mais o fluxo de caixa da empresa.

A inadimplência da carteira de recebíveis também contribuiu de forma significativa com a crise, chegando às cifras de aproximadamente R\$ 90.000.000,00 (noventa milhões de reais), sendo que 60% deste valor consistiam em imóveis já devidamente entregues.

Não bastasse isso, o endividamento das pessoas físicas e as restrições de crédito acrescentaram e agravaram a situação, tudo isso acompanhado de algumas manifestações em grupos sociais e do Ministério Público, fazendo verdadeira campanha para que os clientes deixassem de pagar seus compromissos, o que por certo, também afetou significativamente a operação da Construtora.

Diante aos últimos acontecimentos, principalmente no ajuizamento de diversas Ações Cíveis Públicas, a Criciúma Construções ficou impedida de comercializar, cobrar, lançar e até mesmo executar as obras, não havendo outra alternativa senão reduzir e praticamente extinguir a operação de forma momentânea, estagnando a produção e promovendo cortes de pessoal.

O Cenário criado acaba afugentando clientes, investidores e instituições financeiras que poderiam agregar de forma robusta um processo de recuperação, além do que contribuiu para afetar negativamente o nome da empresa.

O Grupo, já contou com mais de 2.500 profissionais diretos e indiretos e, com a crise, a redução de postos de trabalho foi inevitável, gerando um problema social.

<i>Período</i>	<i>Número de Profissionais Contratados</i>
12/2010	2.500
04/2013	1.185
07/2014	562
12/2014	83

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Durante os últimos 15 anos, a Criciúma Construções contribuiu em muito com vários projetos sociais, destacando-se no âmbito esportivo e ambiental.

1. Patrocinador do Criciúma Esporte Clube, durante 07 anos;
2. Patrocinador do Avaí Futebol Clube durante 02 anos;
3. Patrocinador do Juventus de Jaraguá do Sul, durante 02 anos;
4. Patrocinador do Esporte Clube Próspera, durante 02 anos;
5. Patrocinador do Joinville Esporte Clube, durante 02 anos;
6. Patrocinador da UNESC, futebol de Salão Feminino durante 02 anos;
7. Patrocinador do Jaraguá do Sul, Futebol de Salão Feminino, durante 02 anos.
8. Patrocinador do Praia, campeonato do Balneário Rincão de Futebol de Areia, durante 2 anos;
9. Patrocinador do projeto Tigrinhos do Futuro, voltados para crianças carentes no município de Criciúma;
10. Campanha uma Arvore Plantada a cada terreno comercializado envolvendo a comunidade sobre a consciência da preservação da flora;
11. Reforma o teatro do Mirante da Caixa D'água, no Balneário Rincão;

12. Apoio a diversas entidades filantrópicas nas praças de atuação;
13. Subsídio de 100% das refeições oferecidas aos funcionários;
14. Adoção de Praças e Espaços Públicos para recuperação e manutenção;

Por todos estes motivos é que a Impetrante merece a benesse legal.

DD. Magistrado, a nova Lei de Falências e Recuperação de Empresas brasileira enseja a **RECUPERAÇÃO DE EMPRESAS**, mesmo para aquelas em estado quase falimentar (o que definitivamente não é o caso da Impetrante, como se verá), isto é, pelo espírito da nova lei, interesse de credor e devedor convergem para um mesmo sentido: **a recuperação da empresa**. Todos podem ganhar com a continuidade das atividades de uma unidade produtiva, enquanto todos perdem com a decretação de uma falência e seus reflexos.

Este espírito de preservação da empresa, como uma unidade produtiva geradora de empregos e circuladora de riquezas, está em consonância harmônica com a tendência moderna do Direito Falimentar nos Países civilizados e de mercado livre. Com apoio da lei e da Justiça, na sua tradição e no férreo esforço de seus titulares, a ora Impetrante seguramente recuperará a sua saúde empresarial.

Assim, torna-se de fácil intelecção que está em risco a própria sobrevivência da Impetrante, uma vez que vem sofrendo pressão por parte dos credores, não lhe restando, destarte, outro remédio a não ser socorrer-se da urgente impetração de uma Recuperação Judicial, que lhe possibilitará replanejar o perfil de seus compromissos e sanear suas dificuldades, para lucrar após o fim da crise e pagar a todos os seus credores.

A Criciúma Construções somente precisa de mais tempo para buscar uma solução definitiva para manutenção da empresa e dos empregos que ela proporciona. E deseja alcançar este tempo socorrendo-se da Justiça e dos benefícios da Lei.

Acredita que com a reorganização que está promovendo e com a recuperação dos preços do mercado, a empresa poderá se reerguer em razoável período de tempo.

Por todas as razões acima, merece a Impetrante o deferimento do processamento da presente medida, nos termos do artigo 52 da Lei 11.101/2005, oportunizando assim a apresentação de Plano de Recuperação no prazo legal (artigo 53), a fim de obter, ao final, sua Recuperação Judicial. E para tanto, demonstrará aos credores e ao juízo que o valor da empresa em funcionamento não só é superior ao que seria obtido caso se decidisse liquidá-la, como, por igual, que sua continuidade melhor atende aos múltiplos interesses envolvidos.

DO DIREITO

A Impetrante sente-se ameaçada por alguns credores insatisfeitos com os atrasos nos pagamentos, atraso na entrega dos imóveis, cumprimento de suas obrigações e com um volume acentuado ações judiciais danosas, necessitando do processamento urgente do presente pedido de recuperação, para que a blindagem legal também traga segurança jurídica para retomar seu crédito junto a fornecedores, além de tranquilizar clientes.

Por isso, toda a sua equipe trabalhou arduamente nos últimos dias para já entregar junto a esta inicial todos os documentos e papéis contábeis previstos na lei de recuperações como requisito para deferimento do pedido, todos anexos à presente e devidamente descritos.

Com os documentos trazidos aos autos com a referida petição, a requerente cumpriu todas as exigências previstas no artigo 51 da Lei 11.101/2005, estando, s.m.j., em termos o processo para obter o deferimento do processamento da sua recuperação judicial, conforme prevê o artigo 52 daquele diploma.

E como se sabe, o prazo para a suspensão das ações e execuções contra a requerente, previsto na referida lei, passará a valer tão logo V. Exa. determine o processamento do pedido.

Enquanto o processamento ainda não é deferido, neste intervalo de tempo a situação econômica dos Impetrantes de uma recuperação judicial não costuma apresentar melhoras, o que somente começa a ocorrer após o deferimento do processamento, pela segurança jurídica e possibilidade de obter crédito.

Diante de tal quadro, valoroso lembrar a lição do Magistrado e Professor Dr. Manoel Justino Bezerra Filho, que em sua obra Lei de Recuperação de Empresas e Falências, à fls. 159 da 4ª. Edição (Editora Saraiva), ensina:

“A Lei, aqui, não prevê a colheita de manifestação obrigatória do Ministério Público, de tal forma que, se o juiz verificar que a documentação está em termos, deverá desde logo prolatar despacho deferindo o processamento da recuperação.”

Sem nenhum demérito, nesta fase urgente também não cabe ao Magistrado analisar o mérito dos documentos juntados, como explica a doutrina e a jurisprudência, valendo citar o acórdão relatado pelo Professor Pereira Calças, da Câmara Especializada em Falência e Recuperação Judicial do Tribunal de Justiça de São Paulo/SP:

Agravo. Recuperação Judicial. Decisão que determina a realização de prova pericial do relatório gerencial de fluxo de caixa e de sua projeção, sem deferir o processamento do pleito recuperatório. **Apresentada a petição inicial de recuperação judicial com todos os documentos exigidos pelo art. 51 da LRF, compete ao juiz examinar a legitimidade e proceder ao exame formal dos documentos.** Não compete ao juiz aferir a realidade das informações contábeis e financeiras constantes dos documentos que instruem a inicial. Deferido o processamento da recuperação, os credores, o Ministério Público, a Assembléia-Geral e o Administrador Judicial poderão aferir a realidade dos documentos que a devedora apresentou. Agravo provido, para revogar a decisão que determinou a realização da perícia e deferir o processamento da recuperação. (Agravo de Instrumento 994092822425 (6926914000), Relator(a): Des. Pereira Calças, Câmara Reservada à Falência e Recuperação do TJ-SP, Data do julgamento: 06/04/2010)

Somente como argumentação, pois, a rigor, se fazem presentes todos os documentos exigidos em lei, caso V. Exa. entenda que ainda falta algum documento para a completa instrução do pedido, a Impetrante se compromete a tentar produzi-los com a urgência necessária, **rogando, porém, que uma eventual ausência de aspectos meramente formais não acarrete em uma postergação do deferimento**, requerendo nestes termos seja deferido o processamento desde logo, como vem sendo firmado pela jurisprudência (Recuperações Judiciais da VASP, Varig e BRA Transportes Aéreos, Homex, por exemplo).

Assim nos ensina o outrora **Desembargador da Câmara Especializada do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo**, o eminente Dr. Sidnei A. Beneti, **agora Ministro do STJ**, na obra *Direito Falimentar e a Nova Lei de Falências e Recuperação de Empresas*, da Editora Quartier Latin, à fls. 235:

“... Pode ser determinada a emenda da inicial, mas, lembre-se, o início do processo de recuperação judicial é sempre urgente, de maneira que, entrevista a viabilidade no essencial, eventuais determinações de sanção de pontos específicos devem ser realizadas sem prejuízo do deferimento do processamento – quer dizer: defere-se o processamento e determinam-se as correções e sanções, sem paralisar o procedimento no tocante ao principal.

... **A Recuperação não é de início deferida, até porque ainda não existe o plano de recuperação, mas apenas o processamento do pedido de recuperação** (arts.51 e 52). A apreciação do pedido de processamento pelo juiz deve dar-se incontinenti à apresentação, após exame extremamente perfunctório, sem possibilidade de delongas de maior verificação, pois se trata, como dito, de mera determinação de processamento, devendo o exame aprofundar-se ulteriormente, até a sentença de deferimento da recuperação.

Neste juízo já se processam outros pedidos de Recuperação Judicial, os quais tiveram seu processamento deferido.

Citamos como precedente à decisão proferida nos autos do pedido de Recuperação Judicial nº. 020.13.023185-1:

“O instituto da RECUPERAÇÃO JUDICIAL tem por objetivo "viabilizar a superação da situação de crise econômico-financeira do devedor, a fim de permitir a manutenção da fonte produtora, do emprego dos trabalhadores e dos interesses dos credores, promovendo, assim, a preservação da empresa, sua função social e o estímulo à atividade econômica" (art. 47 da Lei n.º 11.101/2005), o que, diga-se de passagem, é louvável, diante do presente cenário de recessão em que vivemos. (grifo nosso). O art. 48 da Lei n.º 11.101/2005 estabelece: Art. 48. Poderá requerer recuperação judicial o devedor que, no momento do pedido, exerça regularmente suas atividades há mais de 2 (dois) anos e que atenda aos seguintes requisitos, cumulativamente: I – não ser falido e, se o foi, estejam declaradas extintas, por sentença transitada em julgado, as responsabilidades daí decorrentes; II – não ter, há menos de 5 (cinco) anos, obtido concessão de recuperação judicial; III – não ter, há menos de 8 (oito) anos, obtido concessão de recuperação judicial com base no plano especial de que trata a Seção V deste Capítulo; IV – não ter sido condenado ou não ter, como administrador ou sócio controlador, pessoa condenada por qualquer dos crimes previstos nesta Lei. Parágrafo único. A recuperação judicial também poderá ser requerida

pelo cônjuge sobrevivente, herdeiros do devedor, inventariante ou sócio remanescente. O art. 51 do diploma legal mencionado em epígrafe dispõe: Art. 51. A petição inicial de recuperação judicial será instruída com: I - a exposição das causas concretas da situação patrimonial do devedor e das razões da crise econômico-financeira; II - as demonstrações contábeis relativas aos 3 (três) últimos exercícios sociais e as levantadas especialmente para instruir o pedido, confeccionadas com estrita observância da legislação societária aplicável e compostas obrigatoriamente de: a) balanço patrimonial; b) demonstração de resultados acumulados; c) demonstração do resultado desde o último exercício social; d) relatório gerencial de fluxo de caixa e de sua projeção; III - a relação nominal completa dos credores, inclusive aqueles por obrigação de fazer ou de dar, com a indicação do endereço de cada um, a natureza, a classificação e o valor atualizado do crédito, discriminando sua origem, o regime dos respectivos vencimentos e a indicação dos registros contábeis de cada transação pendente; IV - a relação integral dos empregados, em que constem as respectivas funções, salários, indenizações e outras parcelas a que têm direito, com o correspondente mês de competência, e a discriminação dos valores pendentes de pagamento; V - certidão de regularidade do devedor no Registro Público de Empresas, o ato constitutivo atualizado e as atas de nomeação dos atuais administradores; VI - a relação dos bens particulares dos sócios controladores e dos administradores do devedor; VII - os extratos atualizados das contas bancárias do devedor e de suas eventuais aplicações financeiras de qualquer modalidade, inclusive em fundos de investimento ou em bolsas de valores, emitidos pelas respectivas instituições financeiras; VIII - certidões dos cartórios de protestos situados na comarca do domicílio ou sede do devedor e naquelas onde possui filial; IX - a relação, subscrita pelo devedor, de todas as ações judiciais em que este figure como parte, inclusive as de natureza trabalhista, com a estimativa dos respectivos valores demandados. § 1º Os documentos de escrituração contábil e demais relatórios auxiliares, na forma e no suporte previstos em lei, permanecerão à disposição do juízo, do administrador judicial e, mediante autorização judicial, de qualquer interessado. § 2º Com relação à exigência prevista no inciso II do caput deste artigo, as microempresas e empresas de pequeno porte poderão apresentar livros e escrituração contábil simplificados nos termos da legislação específica. § 3º O juiz poderá determinar o depósito em cartório dos documentos a que se referem os §§ 1º e 2º deste artigo ou de cópia destes. Analisando cuidadosamente os autos, observa-se que a parte requerente trata-se, pois, de pessoa jurídica de direito privado constituída desde 07.12.2006, para atuar na atividade de indústria, comércio atacadista, importação e exportação de cereais e produtos alimentícios em geral, bem como no transporte rodoviário nacional e internacional de cargas em geral, consoante se infere do documento de fl. 27. A parte requerente jamais foi falida, sequer requereu recuperação judicial e tampouco sofreu condenação por crime falimentar, assim como seus sócios e administrador, conforme se verifica dos documentos de fls. 48 e 49. Portanto, os requisitos do art. 48 da Lei n.º 11.101/2005 estão cumpridos. Do mesmo, estão preenchidos aos requisitos ínsitos no art. 51 do mesmo diploma legal, porquanto a parte requerente juntou aos autos todos os documentos exigidos (fls. 27-192). A empresa requerente pugnou pelo deferimento do processamento da RECUPERAÇÃO JUDICIAL, na modalidade ordinária, diante da crise

econômico-financeira que vem enfrentando desde o exercício financeiro de 2008. **Assim sendo, defiro o pedido de processamento da RECUPERAÇÃO JUDICIAL almejada pela sociedade empresária CDM DO BRASIL INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE CEREAIS LTDA, nos termos do art. 52, "caput", da Lei n.º da Lei n.º 11.101/2005.(..)"**

Inegável, pois, que a Recuperação Judicial da Impetrante, siga o mesmo caminho.

EX POSITIS, postula pelo processamento da Recuperação Judicial, eis que, satisfeitos integralmente todos os requisitos legais.

DA CONCESSÃO DE LIMINAR PARA SUSTAÇÃO DOS CHEQUES EMITIDOS PELA IMPETRANTE

Apesar da referência feita no tópico anterior, mais uma vez convém deixar consignado que o art. 49 da LRF, o qual prevê "**estão sujeitos à recuperação judicial todos os créditos existentes na data do pedido, ainda que não vencidos**", aplica-se também ao presente pedido liminar para sustação dos cheques.

Por seu turno, sabendo-se que os créditos anteriores ao pedido da recuperação judicial submetem-se ao plano a ser apresentado, os cheques elencados pela Impetrante devem ter sustados sua compensação.

A tutela cautelar exige a existência do *periculum in mora* e do *fumus boni juris*.

Nelson Nery Júnior e Rosa Maria de Andrade explicam:

"Para que a parte possa obter a tutela cautelar, no entanto, é preciso que comprove a existência da plausibilidade do direito por ela afirmado (*fumus boni iuris*) e a irreparabilidade ou difícil reparação desse direito (*periculum in mora*), caso se tenha de aguardar o trâmite normal do processo. Assim, a cautela visa assegurar a eficácia do processo de conhecimento ou do processo de execução" (Nery, Recursos, n. 3.5.2.9, p.474). (Código de Processo Civil comentado, 9ª ed. - São Paulo: RT, 2006, p. 943)

Por sua vez, *Jorge Lobo* ensina:

"Recuperação judicial é o instituto jurídico, fundado na ética da solidariedade, que visa sanear o estado de crise econômico-financeira do empresário e da sociedade empresária com a

finalidade de preservar os negócios sociais e estimular a atividade empresarial, garantir a continuidade do emprego e fomentar o trabalho humano, assegurar a satisfação, ainda que parcial e em diferentes condições, dos direitos e interesses dos credores e impulsionar a economia creditícia, mediante a apresentação, nos autos da ação de recuperação judicial, de um plano de reestruturação e reerguimento, o qual, aprovado pelos credores, expressa ou tacitamente, e homologado pelo juízo, **implica novação dos créditos anteriores ao ajuizamento da demanda e obriga a todos os credores a ela sujeitos, inclusive os ausentes, os dissidentes e os que se abstiveram de participar das deliberações da assembléia geral.**" (Comentários à lei de recuperação de empresas e falência, Coord. Paulo F. C. Salles de Toledo e Carlos Henrique Abrão, São Paulo: Saraiva, 2005, pp. 104 e 105). (grifamos)

Por fim, para que não paire dúvidas acerca do tema em destaque, o art. 47 da Lei n. 11.101/05, que regula a recuperação judicial, a extrajudicial e a falência do empresário e da sociedade empresária, determina:

"A recuperação judicial tem por objetivo viabilizar a superação da situação de crise econômico-financeira do devedor, a fim de permitir a manutenção da fonte produtora, do emprego dos trabalhadores e dos interesses dos credores, **promovendo, assim, a preservação da empresa, sua função social e o estímulo à atividade econômica.**" (grifamos)

Em razão do exposto, respeitosamente, requer a V. Exa. seja concedida a liminar de sustação da compensação e protesto dos cheques enumerados na relação anexada a presente Ação de Recuperação Judicial.

DA CONCESSÃO DE LIMINAR PARA EVITAR A PENHORA DE FATURAMENTO DA IMPETRANTE

Considerando que o deferimento do PROCESSAMENTO da Recuperação Judicial da Impetrante ensejará na suspensão de todas as ações e execuções, não restam dúvidas que o processo ora referido não merece ter seu prosseguimento, nos termos do art. 6º da Lei n. 11.101/2005 que disciplina: "*A decretação da falência ou o deferimento do processamento da recuperação judicial suspende o curso da prescrição e **de todas as ações e execuções em face do devedor, inclusive aquelas dos credores particulares do sócio solidário***".

A matéria já é por demais conhecida de nossos Tribunais Pátrios, tanto que o c. Superior Tribunal de Justiça, examinando a questão, quando do julgamento do Conflito de Competência nº 73.380/SP, em que foi Relator o Ministro Hélio Quaglia Barbosa, assim se pronunciou:

"A aparente clareza dos mencionados preceitos traduz a preocupação do legislador de evitar – a todo custo – que o instituto da recuperação judicial seja utilizado como estratégia para que a empresa em recuperação não pague seus credores e venha até mesmo a aumentar o volume das dívidas, uma vez que continua em operação; **esconde, todavia, uma particularidade de ordem prática: caso voltem a ter curso várias execuções individuais, com determinação de penhoras sobre bens e/ou faturamento, ou mesmo ocorrendo venda de bem do patrimônio, como poderá o administrador judicial cumprir o plano de recuperação aprovado pelos credores e homologado judicialmente?**" (trecho do voto do Ministro Hélio Quaglia Barbosa)

Como bem ressaltou o saudoso Ministro, tal questionamento não passou despercebido pela 2ª. Turma do STJ por ocasião do julgamento do Conflito de Competência nº 61.272/RJ, relator o Ministro Ari Pargendler, "leading case" sobre a nova Lei de Recuperação Judicial e Falência.

Julgando o agravo regimental interposto contra a decisão concessiva de liminar no referido conflito, ressaltou o Eminentíssimo Ministro:

"A jurisprudência formada à luz do Decreto-Lei nº 7.661, de 1945, concentrou no juízo da falência as ações propostas contra a massa falida no propósito de assegurar a igualdade dos credores (*pars condicio creditorum*), observados evidentemente os privilégios e preferências dos créditos.

Quid, em face da Lei 11.101, de 2005? Nova embora a disciplina legal, a medida liminar deferida nestes autos partiu do pressuposto de que subsiste a necessidade de concentrar na Justiça Estadual as ações contra a empresa que está em recuperação judicial, agora por motivo diferente: **o de que só o Juiz que processa o pedido de recuperação judicial pode impedir a quebra da empresa. Se na ação trabalhista o patrimônio da empresa for alienado, essa alternativa de mantê-la em funcionamento ficará comprometida.**

A exigência de que o processo de recuperação judicial subsista até a definição de quem é o juiz competente para decidir a respeito da sucessão das obrigações trabalhistas impõe, salvo melhor entendimento, a manutenção da medida liminar."

Fábio Ulhoa Coelho, manifesta entendimento no sentido de que as execuções prosseguem apenas na hipótese de não haver sido aprovado o plano de recuperação judicial, ou se apresentado sem mudança nas condições de exigibilidade dos créditos, do contrário, as dívidas são novadas e serão pagas segundo as regras nele estipuladas.

Para o ilustre doutrinador:

"Se a suspensão das execuções contra o falido justifica-se pela irracionalidade da concomitância de duas medidas judiciais satisfativas (a individual e a concursal) voltadas ao mesmo objetivo, na recuperação judicial o fundamento é diverso. Suspendem-se as execuções individuais contra o empresário individual ou sociedade empresária que requereu a recuperação judicial para que eles tenham o fôlego necessário para atingir o objetivo pretendido da reorganização da empresa. A recuperação judicial não é execução concursal e, por isso, não se sobrepõe às execuções individuais em curso. A suspensão, aqui, tem fundamento diferente. **Se as execuções continuassem, o devedor poderia ver frustrados os objetivos da recuperação judicial, em prejuízo, em última análise, da comunhão de credores.**

Por isso, a lei fixa um prazo para a suspensão das execuções individuais operada pelo despacho de processamento da recuperação judicial: 180 dias. Se, durante esse prazo, alcança-se um plano de recuperação judicial, abrem-se duas alternativas: o crédito em execução individual teve suas condições de exigibilidade alteradas ou mantidas. Nesse último caso, a execução individual prossegue." (Comentários à Nova Lei de Falências e de Recuperação de Empresas, Saraiva, 2008, págs. 38/39)

Na mesma linha, também sustenta Manoel Justino Bezerra Filho:

"Na forma do caput do art. 6º, a suspensão se inicia com o deferimento do processamento da recuperação judicial, despacho previsto no art. 52. Este despacho do art. 52 não se confunde com o momento no qual o juiz concede a recuperação judicial, previsto no art. 58. Dessa forma, concedida ou não a recuperação em 180 dias, todas as ações e execuções contra o devedor que pediu a recuperação voltarão a correr normalmente, pois o prazo máximo de suspensão é este ora estabelecido no § 4º do art. 6º. **No entanto, se a recuperação já foi concedida na forma do art. 58, o crédito que a ela estiver submetido será pago nos próprios autos da recuperação, não havendo assim interesse no prosseguimento de ações ou execuções.**" (Lei de Recuperação de Empresas e Falências Comentada, RT, 2007, pág. 65)

Permitir que cada um defenda o seu crédito implica em colocar abaixo o princípio nuclear da recuperação, que é o do soerguimento da empresa, a par de colocar em risco o princípio da "*par conditio creditorum*".

Nesse sentido:

"CONFLITO POSITIVO DE COMPETÊNCIA. RECUPERAÇÃO JUDICIAL. AÇÃO DE REINTEGRAÇÃO DE POSSE. SUSPENSÃO DAS AÇÕES E EXECUÇÕES. PRAZO DE CENTO E OITENTA DIAS. USO DAS ÁREAS OBJETO DA REINTEGRAÇÃO PARA O ÊXITO DO PLANO DE RECUPERAÇÃO.

1. O caput do art. 6º, da Lei 11.101/05 dispõe que "a decretação da falência ou deferimento do processamento da recuperação judicial suspende o curso da prescrição e de todas as ações e execuções em face do devedor, inclusive aquelas dos credores particulares do sócio solidário". Por seu turno, o § 4º desse dispositivo estabelece que essa suspensão "em hipótese nenhuma excederá o prazo improrrogável de 180 (cento e oitenta) dias contado do deferimento do processamento da recuperação".

2. Deve-se interpretar o art. 6º desse diploma legal de modo sistemático com seus demais preceitos, especialmente à luz do princípio da preservação da empresa, insculpido no artigo 47, que preconiza: "A recuperação judicial tem por objetivo viabilizar a superação da situação de crise econômico-financeira do devedor, a fim de permitir a manutenção da fonte produtora, do emprego dos trabalhadores e dos interesses dos credores, promovendo, assim, a preservação da empresa, sua função social e o estímulo à atividade econômica".

3. No caso, o destino do patrimônio da empresa-ré em processo de recuperação judicial não pode ser atingido por decisões prolatadas por juízo diverso daquele da Recuperação, sob pena de prejudicar o funcionamento do estabelecimento, comprometendo o sucesso de seu plano de recuperação, ainda que ultrapassado o prazo legal de suspensão constante do § 4º do art. 6º, da Lei nº 11.101/05, sob pena de violar o princípio da continuidade da empresa.

4. Precedentes: CC 90.075/SP, Rel. Min. Hélio Quaglia Barbosa, DJ de 04.08.08; CC 88661/SP, Rel. Min. Fernando Gonçalves, DJ 03.06.08.

5. Conflito positivo de competência conhecido para declarar o Juízo da 1ª Vara de Falências e Recuperações Judiciais do Foro Central de São Paulo competente para decidir acerca das medidas que venham a atingir o patrimônio ou negócios jurídicos da Viação Aérea São Paulo - VASP." (Conflito de Competência nº 79.170/SP, publicado em 19/09/2008)

FACE AO EXPOSTO, respeitosamente, requer a V. Exa. o acolhimento do presente pedido para, em razão da excepcionalidade do caso, determinar a sustação de qualquer ato que implique na continuidade e penhora do faturamento ou parte deste, tendo em vista que o Juízo Universal onde se processa a Recuperação Judicial é o único competente para análise do caso vertente.

**DA CONCESSÃO DE LIMINAR PARA SUSPENSÃO
DOS ARRESTOS E MANUTENÇÃO DA IMPETRANTE NA POSSE
DOS BENS ESSENCIAIS À ATIVIDADE EMPRESARIAL**

De igual forma, para que se alcance o total sucesso da recuperação judicial da Impetrante, faz-se necessária suspensão dos arrestos promovidos em face dos bens de propriedade da Impetrante, em especial nas Ações Cíveis Públicas propostas pelo Ministério Público de Santa Catarina, bem como a manutenção das devedoras na posse dos bens essenciais à atividade empresarial.

Tal pretensão encontra amparo na suspensão, *ex lege*, das ações movidas em face da Impetrante (art. 6º caput da LRF), no princípio da função social da empresa (art. 47 da LRF) e no art. 49, § 3º da LRF (manutenção dos bens essenciais).

Fato é que, encontrando-se em andamento o pedido de recuperação judicial da Impetrante, mostra-se extremamente incompatível com o instituto da recuperação judicial e com os princípios da função social da empresa e a preservação da atividade econômica, a manutenção das medidas de remoção de bens da empresa Impetrante e de seus sócios, o que, se mantido, inviabilizará a própria recuperação da Impetrante.

Ademais, a manutenção dos arrestos e constrição dos bens móveis e imóveis, estes em especial, dada a atividade econômica da empresa e a natureza dos bens arrestados, proferidos por juízo diverso do juízo da recuperação judicial viola de forma grave o juízo universal propalado pela lei 11.101/2005, podendo, inclusive, prejudicar todo e qualquer plano de reestruturação da empresa.

Neste sentido, colhe-se da jurisprudência do e. Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul:

AGRAVO DE INSTRUMENTO. AÇÃO CAUTELAR DE ARRESTO COM PEDIDO LIMINAR. DECISÃO QUE, EM VIRTUDE DO DEFERIMENTO DO PROCESSAMENTO DA RECUPERAÇÃO JUDICIAL REQUERIDA PELA AGRAVADA, DETERMINOU A SUSPENSÃO DA CAUTELAR, COM A CONSEQUENTE DEVOLUÇÃO DAS MERCADORIAS JÁ ARRESTADAS. A melhor interpretação da lei, no caso, **é aquela que leva em conta o princípio da função social da empresa. Encontrando-se em andamento o pedido de recuperação judicial, mostra-se incompatível a manutenção da medida de remoção dos bens da empresa, o que inviabilizaria a própria reorganização da pessoa jurídica.** É o que se infere de uma interpretação sistemática do texto legal, em alinhamento ao espírito que permeia o instituto da recuperação judicial. Na hipótese dos autos, o destino do patrimônio da empresa-agravada em processo de recuperação judicial não pode ser atingido por decisões prolatadas por juízo diverso daquele da Recuperação, sob pena de prejudicar o funcionamento do estabelecimento, comprometendo o sucesso de seu plano de recuperação, notadamente diante do prazo aludido no art. 6º, § 4º, da Lei nº 11.101/05. Como sucede no caso concreto, diante da natureza dos bens arrestados, que dizem com a própria atividade da empresa, entre eles uma máquina industrial empilhadeira. MÁ-FÉ. Quanto à comunicação feita ao segundo grau pela agravada acerca da não localização dos bens arrestados e pedido de imposição à agravante das penas da litigância temerária, trata-se de questão e pedido estranhos ao que se discute no presente recurso, devendo ser endereçados ao juízo de origem. AGRAVO DE INSTRUMENTO DESPROVIDO. (Agravado de Instrumento Nº 70050990175, Décima Segunda Câmara Cível, Tribunal de Justiça do RS, Relator: Ana Lúcia Carvalho Pinto Vieira Rebout, Julgado em 25/10/2012)

FACE AO EXPOSTO, respeitosamente, requer a V. Exa. o acolhimento do presente pedido para, **em razão da excepcionalidade do caso**, determinar a suspensão de todo e qualquer ato que implique no arresto dos bens de propriedade das empresa Impetrante, sejam eles móveis ou imóveis, com amparo legal na suspensão automática de todas as ações e execuções propostas em face da Impetrante, nos princípios da preservação da empresa, da função social e da manutenção da fonte produtora, bem como em respeito ao juízo universal da Recuperação Judicial.

DA CONCESSÃO DE LIMINAR PARA SUSPENSÃO DA CONSOLIDAÇÃO EXTRAJUDICIAL DE PROPRIEDADE DE BENS GRAVADOS POR ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

Outrossim, os bens objetos de alienação fiduciária também não podem ser retirados da posse da Impetrante no curso da recuperação judicial.

Cedição é que os créditos de credores titulares da posição de proprietário fiduciário de bens móveis ou imóveis e de arrendador mercantil não se sujeitam aos efeitos da Recuperação Judicial, conforme leciona o art. 49, § 3º, da Lei 11.101/2005.

Entretanto, a concessão do processamento da Recuperação Judicial da Impetrante, cuja qual acarretará, inevitavelmente na suspensão de todas as ações que tramitam contra as mesmas, veda a venda ou a retirada do estabelecimento do devedor, enquanto perdurar a suspensão, dos bens essenciais a sua atividade empresarial, conforme disciplina a parte final do mesmo art. 49, § 3º, da Lei nº 11.101/05.

Assim sendo, dada as peculiaridades do caso, considerando o objeto social da Impetrante, e a quantidade de bens que estão na iminência de sofrerem a consolidação de propriedade em favor das instituições bancárias, considerando o disposto no art. 49, § 3º, da Lei nº 11.101/05, a busca e apreensão e a consolidação da propriedade extrajudicial de todos os bens móveis e imóveis essenciais à manutenção da atividade da Impetrante deve ser suspensa com o deferimento do processamento da Recuperação Judicial, de modo a garantir o efetivo soerguimento de todo o conglomerado empresarial.

Sobre o tema, discorre Manoel Justino Bezerra Filho:

“Esta disposição foi o ponto que mais diretamente contribuiu para que a Lei deixasse de ser conhecida como “lei de recuperação de empresas” e passasse a ser conhecida como “lei de recuperação de crédito bancário” ao estabelecer que tais bens não são atingidos pelos efeitos da recuperação judicial. Ou seja, nenhum dos bens da empresa que for objeto de alienação fiduciária, arrendamento ou reserva de domínio estará englobado pela recuperação judicial. **Ficará extremamente dificultada qualquer recuperação se os maquinários, veículos, ferramentas, etc..., com os quais a empresa trabalha e dos quais dependem para seu funcionamento, forem retirados. O texto refere-se a “bens de capital essencial a sua atividade empresarial”; qualquer bem objeto de alienação fiduciária, arrendamento mercantil ou reserva de domínio deve ser entendido como essencial à atividade empresarial, até**

porque adquirido pela sociedade empresária somente pode ser destinado à atividade exercida pela empresa. Este caráter de essencialidade, em caso de recuperação judicial, deve permitir um entendimento mais abrangente do que aquele normalmente aplicado. (BEZERRA FILHO, Manoel Justino. Lei de Recuperação de empresas e falências: Lei 11.101/2005: comentada artigo por artigo - 8. Ed. rev. Atual. E ampl. - São Paulo - Editora Revista dos Tribunais, 2013, p. 142.) (grifou-se)

Esse é o posicionamento que vem sendo adotado pelo Superior Tribunal de Justiça:

DIREITO EMPRESARIAL. NÃO SUBMISSÃO DE CRÉDITO GARANTIDO POR ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA AOS EFEITOS DE RECUPERAÇÃO JUDICIAL.

[...] O art. 49, caput, da Lei 11.101/2005 estabelece que estão sujeitos à recuperação judicial todos os créditos existentes na data do pedido, ainda que não vencidos. Por sua vez, o § 3º do mesmo artigo prevê hipóteses em que os créditos não se submeterão aos efeitos da recuperação judicial, entre eles, os créditos garantidos por alienação fiduciária. **A jurisprudência do STJ, no entanto, tendo por base a limitação prevista na parte final do § 3º do art. 49 - que impede a venda ou a retirada do estabelecimento do devedor dos bens de capital essenciais à sua atividade empresarial - e inspirada no princípio da preservação da empresa, tem estabelecido hipóteses em que se abre exceção à regra da não submissão do crédito garantido por alienação fiduciária ao procedimento da recuperação judicial. De acordo com a linha seguida pelo STJ, a exceção somente é aplicada a casos que revelam peculiaridades que recomendem tratamento diferenciado visando à preservação da atividade empresarial, como, por exemplo, no caso em que o bem dado em alienação fiduciária componha o estoque da sociedade, ou no caso de o bem alienado ser o imóvel no qual se situa a sede da empresa. Em suma, justifica-se a exceção quando se verificar, pelos elementos constantes dos autos, que a retirada dos bens prejudique de alguma forma a atividade produtiva da sociedade.** [...]. CC 131.656-PE, Rel. Min. Maria Isabel Gallotti, julgado em 8/10/2014 (grifo nosso)

Não é outro o entendimento do e. Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul:

AÇÃO DE BUSCA E APREENSÃO. ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA. EMPRESA DEVEDORA EM RECUPERAÇÃO JUDICIAL. SUSPENSÃO DAS AÇÕES. LIMINAR. IMPOSSIBILIDADE. **Diante da existência de decisão nos autos da Ação de Recuperação Judicial**

da empresa agravada suspendendo todas as ações que tramitam contra a mesma, resta vedada a venda ou a retirada do estabelecimento do devedor, enquanto perdurar a suspensão, dos bens essenciais a sua atividade empresarial. Inteligência do art. 49, § 3º, da Lei nº 11.101/05. Assim, resta inviabilizada a busca e apreensão dos bens alienados fiduciariamente. NEGADO SEGUIMENTO AO AGRAVO, EM DECISÃO MONOCRÁTICA. (Agravado de Instrumento Nº 70057995292, Décima Quarta Câmara Cível, Tribunal de Justiça do RS, Relator: Jorge André Pereira Gailhard, Julgado em 07/03/2014).

FACE AO EXPOSTO, respeitosamente, requer a V. Exa. o acolhimento do presente pedido para, em razão da excepcionalidade do caso, determinar a suspensão de todo e qualquer ato que implique na consolidação extrajudicial de propriedade dos bens da Impetrante dados em alienação fiduciária, arrendamento mercantil ou que possuam reserva de domínio, durante o prazo (180 dias) de suspensão automática das ações e execuções propostas em face das devedoras, sejam eles móveis ou imóveis, devendo-se expedir ofícios aos cartórios extrajudiciais, em especial para o 1º Ofício de Registro de Imóveis da Comarca de Criciúma/SC, para que no prazo assinalado, se abstenham de dar prosseguimento em todo e qualquer ato que vise a consolidação de propriedade dos bens da Impetrante.

DO PEDIDO DE DEFERIMENTO DO PROCESSAMENTO DA RECUPERAÇÃO JUDICIAL

FACE AO EXPOSTO, encontrando-se a petição inicial em conformidade com os termos da Lei n.º 11.101/2005, é a presente para requerer:

- a) O deferimento do processamento da recuperação judicial, nos termos do artigo 52 da Lei 11.101/2005, determinando-se, dentre as demais medidas prescritas no referido artigo, tais como: a nomeação de Administrador Judicial, determinando-se a dispensa de apresentação de certidões negativas, possibilitando à devedora exercer suas atividades, exceto para contratação com o Poder Público ou para recebimento de benefícios ou incentivos fiscais ou creditícios;
- b) A suspensão de todas as ações e execuções contra a Impetrante e seus devedores solidários, nos termos do art. 6º. da Lei 11.101/2005;

c) Com a conseguinte apresentação, dentro do prazo de até 60 (sessenta dias), do plano de recuperação judicial a que alude o art. 53, da Lei n.º 11.101/05, requer seja dado cumprimento ao disposto no parágrafo único do referido artigo legal, ordenando-se a publicação do respectivo edital, determinando-se, ainda, a adoção das providências e demais medidas asseguradas pela legislação incidente.

d) Deferida a recuperação, nos termos do art. 58, da Lei n.º 11.101/05, requer permaneça a requerente em estado de recuperação judicial até que se cumpram todas as obrigações previstas no plano;

e) Cumpridas as obrigações vencidas no prazo previsto no caput do art. 61 da Lei em comento, requer a decretação, por sentença, do encerramento da recuperação judicial, determinando-se as providências referidas no artigo 63 da Lei n.º 1.101/05.

f) Protesta e requer pela produção de todos os gêneros de provas em direito admitidas, mormente pela juntada de novos documentos.

Atribui-se à presente o valor de R\$ 100.000,00 (cem mil reais).

Termos em que,

P. deferimento.

Criciúma-SC., 23 de Fevereiro de 2015.

Alexandre Reis de Farias
Advogado - OAB/SC 9.038

Albert Zilli dos Santos
Advogado - OAB/SC 13.379

Pela Impetrante:

CRICIÚMA CONSTRUÇÕES LTDA.